



ANAIS



# III CEPIAL

---

CONGRESSO DE CULTURA  
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO  
DA AMÉRICA LATINA

---

Semeando Novos Rumos

[www.cepial.org.br](http://www.cepial.org.br)  
15 a 20 de julho de 2012  
Curitiba - Brasil



ANAIS



# III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA  
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO  
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

## Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:  
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS  
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

[www.cepial.org.br](http://www.cepial.org.br)  
15 a 20 de julho 2012  
Curitiba - Brasil

ANAIS



**III CEPIAL**

CONGRESSO DE CULTURA  
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO  
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

**Eixo 4**

**“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”**

[www.cepial.org.br](http://www.cepial.org.br)  
15 a 20 de julho de 2012  
Curitiba - Brasil

## 4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

### MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

#### EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)  
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)  
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)  
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)  
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

#### RESUMOS APROVADOS

**PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)**

**O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)**  
**REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)**

**O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)**

**A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)**

**Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)**

**Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)**

**INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)**

**Sankofá- Abaeté: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)**

**SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)**

### MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

#### EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)

Luis Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)

Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)

Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

**MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)**

**DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)**

**REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTA GROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)**

**ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)**

**TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)**

**ARELAÇÃO SER HUMANO/NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).**

### MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)

Maria Geralda de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)

Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)

Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)

Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

## 4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **Carla Beatriz Santos Menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA ( autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

### MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

#### EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

#### RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMONIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

### MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

#### EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

## RESUMOS APROVADOS

### MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): Janaína Mourão Freire).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)  
RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Risso**)

### MR4.6. História e Literatura na América Latina

#### EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

## RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

### MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

#### EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideú - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

## RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

(autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): Sandra Rangel de Souza)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



## O AUTORRETRATO CONTEMPORÂNEO: PARA UMA TEORIA DA AFETIVIDADE AMPLIADA

### RESUMO

Considerando a utilização do afeto na qualidade ampliada do afetar-se, acrescentado ao conhecimento de que as imagens de infância nos perseguem durante toda a nossa vida. Portanto a utilização de representações e objetos contextualizados com a história pessoal de cada um torna-se algo fundamental ao chegarmos a evidencia da presença das emoções nos processos de subjetivação.

As ações artísticas e culturais pretenderam estender suas ações para além da importante transmissão de habilidades artísticas, antes para a finalidade de uma constituição de sentimento de acolhimento e pertencimento.

Dentro dessa concepção, de ações voltadas para a arte como instrumento de socialização dos sujeitos, o recorte dado vai mais além desse enfoque meramente de acolhimento, pertencimento e de aceitação social. Parte de especificidades da arte, com seus desdobramentos aliados a outros conhecimentos, como a psicologia, buscando uma reelaboração das concepções constituídas por eles como reprodução de modelos hegemônicos.

Entendendo que na concepção da técnica, ou seja, na lógica da reprodução, se utilizando das diversas expressões da arte quando elaborada apenas no âmbito do fazer, da arte pela arte, evidencia a força do instituído, do instrumentar esse sujeito para que se torne um ser mais calmo, mais dócil e mais sociável. Nesse sentido a arte não atua como intervenção criadora, apenas terapêutica.

No entanto se a prática for orientada como um não-isomorfismo entre ver e falar, entre o visto e o falado, entre a palavra e coisa, promovendo o criar, escrever, pintar, filmar... em outra ordem, a de investigação de conteúdos intrínsecos aos meninos e meninas, relacionando as constituições de suas afetividades de uma forma ampliada, ou seja, abordando conteúdos positivos e negativos de um afetar-se pelas pessoas objetos.



Buscando um contato mais íntimo, através da arte, desses sujeitos com eles mesmos. Sendo assim o questionamento central se formula em torno dos fatores afetivos que interferiam na memória afetiva em Freud, em relação a uma imagem da arte e na conseqüente expressão artística dos meninos e meninas onde acabava emergindo questões da subjetividade em que abordavam um sujeito, dono de um destino único, um destino que não escolheu, um sujeito-sujeitado, mas que por mais aleatório ou acidental que possa parecer, tem o direito de subjetivar de um a maneira não constituída.

Desse percurso de um sujeito, transeunte não somente do território das imagens da arte, mas das relações de outra ordem de imagens, as constituídas por si mesmo, pelos saberes e relações de poder, como um corpo que resiste à sua disciplinarização, uma sexualidade que escapa dos mecanismos que procuram controlá-la e de uma subjetividade que procura se diferenciar dos modelos que buscam focá-la.

Assim sendo do percurso desse sujeito que espreitando e se apropriando através dessas ações, de suas possibilidades de encontro com outra verdade de si mesmo. Nas ações construídas relacionadas com sua afetividade e a com a arte como imagem, como objeto simbólico, vislumbrou novas relações por meio dessas intervenções.

Pela imagem e pelo olhar, o sujeito de uma subjetividade instituída, a nível inconsciente se deixa recortar, o corpo habitado no imaginário, em sua auto-imagem, enganado na sua afetividade pela força da mídia que o atinge em suas carências, em seus desejos mais profundos de acolhimento e aceitação.

O refinamento está na descoberta de uma relação de afeto que se vincula a imagem técnica. As imagens de si mesmo e as relações com a subjetividade; memória afetiva e os objetos propositores - simbólicos; imagem e afetividade. O corpo dos condenados contemporâneos e a ostentação dos suplícios midiáticos que perpassam os espaços das salas de aula, galerias, museus, unidades de saúde, ruas, e as próprias lan houses,

Contudo a eleição desse eixo organizador se justificou por conflitos diversos, onde o modos de sociabilidade estavam fragilizados, e no qual a arte se afirmou como meio privilegiado de tornar um sujeito passivo em um outro ativo, reinventando a sua realidade. Ela não se ocupou em responder, mas criou novas disposições e as transgrediu, como uma sombra mutante que perpassa essa espiral das relações de poder e saber.



Mas a arte produz nela mesma, uma política que permite por meios que lhe são próprios, cessar as coordenadas sensoriais com que entendemos e habitamos o mundo, inserindo nelas sentidos que ali não cabiam e tornando-o assim ampliado e diferente.

## O SENTIR E O PENSAR, CONDIÇÃO ESSENCIAL

Diante da experiência humana de “estar” no mundo, percebe-se uma tendência na confluência de dois aspectos: o sensível e o inteligível. Funcionando com uma tentativa de restabelecimento do sujeito em sua inteireza, essa predisposição parece apoiar-se em uma premência teórica de superação de tal dualidade constituída e ilusória, então fundamentada em uma compreensão fragmentada do funcionamento psicológico desse sujeito.

Já na década de 90, passou-se a reconhecer que a representação e a complexidade dos processos cognitivos estavam longe das limitadas explicações lógicas e cibernéticas. (Loos, 2007, p. 20) Com isso se empreendeu a compreensão de que a cultura, a história e principalmente a emoção fazem parte do conhecimento humano, considerando a distinção entre o processo de cognição e os fenômenos psicológicos elaborados a partir de interações histórico-culturais.

Ainda em meados da década de 90, o filósofo norte-americano Nelson Goodman enfatiza que a experiência afetiva humana é plena de significados e pode ser vista como forma de saber. A emoção funciona cognitivamente tanto na experiência estética quanto em outras formas de experiências. Mostrando de como é duvidosa a idéia de que uma trata da verdade enquanto a outra apenas busca a beleza. *A arte, tal qual a ciência, proporciona a compreensão de novas afinidades e contrastes, faz desaparecer categorias usuais para estabelecer novas organizações, assim como visões novas do mundo que habitamos.* Demonstrando dessa forma a relação das emoções como instrumentos cognitivos.

Tal sensibilidade que pode ser experimentada no mais simples cotidiano, precisa ser vinculada a uma educação da sensibilidade dos sentidos que nos colocam em contato com o mundo. Contribuindo para uma razão mais ampla, na qual os dados sensíveis sejam contabilizados e que possibilitariam um conhecimento mais integrado.



Dessa forma, a necessidade em mudar a maneira de considerar as emoções, bem, como a sua análise sobre a interdependência entre cognição, emoção requer um olhar atento sobre como se apresentam as emoções nesse processo. Reiterando o entendimento da emoção como função primária do sujeito, que se torna complexa a partir do momento em que ele estabelece relações com a cultura e outras funções psicológicas, mediado pela relação com o outro e pela linguagem.

Apesar dessa evidência, o não reconhecimento da emoção como fator relevante na é fato comum ainda hoje (Camargo, 2004, p. 54). Essa desatenção para com o aspecto afetivo tem como efeito negar como sujeito dono de uma subjetividade, submetido aos fatores afetivos, sociais e culturais. Negando a subjetividade e a diferença, se torna inevitável o processo de exclusão. (Camargo, 2004, p. 65). A possibilidade de uma vivência fecunda de significados se opera pela compreensão de que a emoção constitui função inseparável da vivência do sujeito.

No processo de desenvolvimento, a criança começa a reproduzir as formas de comportamento que outros empregam em relação a ela. Os mesmos conteúdos da fala dos outros, voltam, caracterizando uma representação exterior a respeito de si mesma não correspondente a outra imagem que de dentro insiste em aparecer.

Porém o significado de uma palavra representa um amálgama tão estreito do pensamento e da palavra, que se torna difícil entender se é um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da palavra, seu componente indispensável. As palavras entendidas como enigmas visuais (Freud, 1901, p. 22 ) contribuem na elaboração de imagens e fantasias que expressam sentimentos de não aceitação e de uma identidade imposta.

É um pressuposto (Vygotsky 2001, p. 265) que o discurso, produto da interação entre pensamento e linguagem, se processa em espiral, havendo assim, retornos e avanços, semelhanças e diferenciações, repetições e metamorfoses. Ele mostra a necessidade de significação para identificar os núcleos de significado na fala do aluno.

## AUTORRETRATO AMPLIADO

O desenvolvimento de poéticas pessoais tendo como principal instrumento o autorretrato contemporâneo<sup>i</sup>, suscitou práticas artísticas orientadas numa abordagem da arte em sua relação com a produção de subjetividades. Novos desdobramentos surgiram a partir dessa relação, apontando para algo que ficava à deriva, quando esse autorretrato contemporâneo passou a ser concebido a partir de imagens da arte e um aparente vínculo afetivo<sup>ii</sup> com as recordações.

Desse sujeito que neste desconhecimento que expõe sempre seu pensamento no processo deste autorretrato de forma ampliada, a ser transbordado por seu ser próprio e que lhe permite, ao mesmo tempo, se interpelar a partir do que lhe escapa. Existente apenas no oculto do inconsciente ou encoberto pelo sujeito a priori, encontra no ato biográfico, como intervenção na arte, no atravessamento entre a vivencia e sua relação com a afetividade, a possibilidade de uma visibilidade mesmo que fragmentada e momentânea.

O sujeito presente nos relatos, não era algo ou alguém que tinha algum tipo de existência permanente, como na concepção do sujeito moderno<sup>iii</sup>. No entanto, ele aparecia quando uma ocasião favorável se desenhava, ou seja, na apresentação de imagens da arte repletas de conteúdos intrínsecos a ele e que convocavam esse sujeito do inconsciente, o mesmo sujeito relatado no texto “O Estranho” (Freud, 1919, p.294).





Nesse episódio em uma viagem de trem, Freud se depara com a imagem de um homem que por milésimos de segundos ele acha desagradável até entender que é sua própria imagem refletida no vidro. A partir da constatação desse duplo ele teoriza o conceito do estranho, em alemão denominado pela palavra “unheimlich”<sup>iv</sup>, mostrando em que circunstâncias o familiar torna-se estranho, ou seja, desse outro existente nele mesmo, mas em certo sentido desconhecido, o mesmo sujeito transitório que também se apresentava pelas lembranças (Freud, 1901, p. 65). Fundamentando assim, uma arqueologia dos sentidos, entre as imagens da arte e as recordações de infância.

O processo e produção das imagens e objetos, se desenvolveu a partir da percepção de relações entre as memórias afetivas e representações, tanto imagéticas da arte quanto de objetos simbólicos e do cotidiano. Desse modo procurou-se compreender um pouco mais sobre os laços que se estabelecem entre essas recordações marcadas por processos de subjetivação e sua relação com a arte.

Considerando a utilização do afeto<sup>v</sup> durante as intervenções, como um importante elemento constituinte nas práticas de subjetivação. Acrescentado ao conhecimento de que as imagens de infância nos perseguem durante nossas vidas, apontou assim na utilização de representações contextualizadas com a história pessoal de cada um em uma nova possibilidade no processo afetivo-cognitivo-social.

Sendo assim, os questionamentos se deram sobre os processos e produções artísticas desses sujeitos, a partir de aspectos afetivos da relação com suas recordações, imagens, objetos e contexto social, se desdobrando em suas subjetividades constituídas. E também de como as implicações destes aspectos afetivos se traduzem nessa aparente subjetivação perpassada pelas resistências que se apresentam.

Portanto, se busca identificar, através das representações constituídas por meio do processo mencionado, as representações constituídas sobre aspectos afetivos (no sentido de afetar-se) e investigar possíveis implicações de tais representações e suas possíveis repercussões nos processos de subjetivação desses sujeitos.

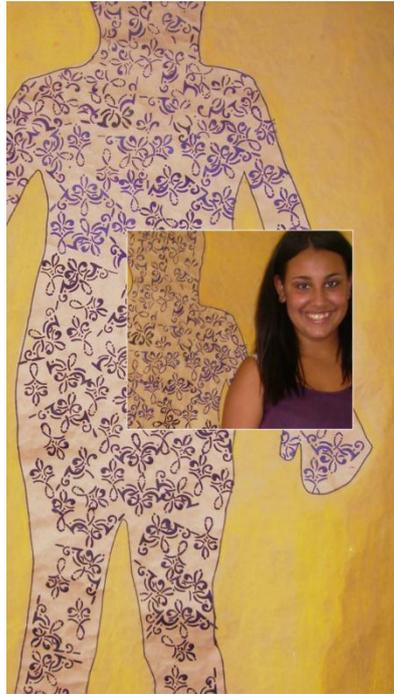


## CARTOGRAFIAS DE SI

Segundo Duarte (1983, p. 23) o processo de conhecimento e aprendizagem humanos se dá sobre dois fatores: as vivências e as simbolizações. Um jogo dialético que nos mostra que cada novo símbolo, nova palavra ou um novo conceito, somente é compreendido tomando-se por base nossas vivências.

Apoiando-se nesse pressuposto e diferente da concepção moderna que apenas abordava literalmente o autorretrato, o *autorretrato ampliado*, nos fala de uma subjetividade contida em um processo ou prática de subjetivação, e por isso não possui um mecanismo fixo; a subjetividade apoiada na vivencia como diferenciação e não identidade.

Portanto pelo *autorretrato ampliado* são problematizadas as reconfigurações do eu através de ocultações não produzidas nas imagens. Essas ocultações podem ser entendidas na teoria de Freud (1901, p.69) quando encontramos relatos sobre as questões das recordações de infância ou as lembranças chamadas por ele de “encobridoras”. Essas últimas têm por base o esquecimento de outras impressões mais importantes (lembranças que inconscientemente desejam ser esquecidas). Lembranças que permanecem em nível consciente até mesmo como uma boa lembrança, mas que ao serem trabalhadas mostram a sua verdadeira imagem. Isso mostra que essa aparente falha indica um propósito que favorece uma lembrança, a encobridora, enquanto se empenha em trabalhar contra outra, a que deseja ser esquecida.



Esses deslocamentos não ocorrem arbitrariamente (Freud, 1901, p. 22), mas seguem caminhos previsíveis e que obedecem a leis. O que nos leva a pensar que a memória se utiliza à linguagem constituída pela representação imagética ou de um objeto em seu próprio favor, expressando o que o inconsciente insiste em esconder.

Quando Freud (1901, p.20) fala dos nomes esquecidos como no caso Signorelli em que esses nomes não foram somente esquecidos como também erroneamente lembrados por nomes substitutos. Ao reprimir algo que não se desejava lembrar, ele esqueceu de algo que iria abordar, mostrando que o elemento reprimido se manifesta através do esquecimento de algo que tem afinidades imagéticas.

*“Eu desejava, portanto esquecer alguma coisa; eu havia reprimido alguma coisa. Eu não desejava esquecer, o nome do artista de Orvieto mas sim outra coisa – essa outra coisa, contudo, conseguiu situar-se numa conexão associativa com o nome, tanto que o ato de vontade errou o alvo e esqueci uma coisa contra minha vontade quando tive intenção de esquecer outra coisa”. Sigmund Freud*



Nesse contexto de espelhos e auto-representações vemos na literatura brasileira e um consistente exemplo no conto chamado “O Espelho”<sup>1</sup>. Ele escreve esse conto nos anos em que Freud forma-se em medicina, portanto antes de Freud teorizar os seus conceitos. Machado através da literatura mostra a sutileza do próprio olhar sobre si mesmo. Diante de um grande espelho, presente de sua tia, o alferes ao ficar solitário de quando em quando, olhava furtivamente para o espelho e assim vai descrevendo toda a relação com o tempo que passa nesse local onde o único relacionamento possível é com sua própria imagem.

Machado consegue colocar toda a questão do duplo, consciente e inconsciente mesmo antes desses conceitos serem teorizados. Numa espécie de autorretrato virtual o alferes produz sua auto-análise sustentando bem mais do que a relação com o si mesmo, uma relação com o social. Isso acontece porque ele somente consegue se enxergar nitidamente quando coloca sua farda de alferes. Esse ornamento de reconhecimento social o torna visível a si mesmo. Depois disso temos então Freud, seu seguidor Lacan na fase especular tratando da construção da auto-imagem novamente numa alegoria ao espelho.

Seria a própria imagem da arte que entrando no universo do aluno ocupa essa afinidade imagética. Essa situação acontece quando a aversão ao se lembrar se dirigia contra um conteúdo, mas a incapacidade de se lembrar apareceu em outro lugar.

Esse deslocamento da memória do sujeito, ou seja, essa desmemória - revelada através da imagem da arte ou o objeto propositor por sua afinidade imagética revela um espaço recalcado. Segundo Rolnik (2010, p.), só se tem condição de reativar o que está recalcado quando se encontra um ambiente de forças ativas que afirma isso e se encontra possibilidade de sustentação para que isso se faça também na subjetividade.

A obra de arte é uma das produções do que há de recalcado no artista, e que se lê em sua obra produz um forte e enigmático efeito afetivo. É o efeito que a obra de arte produz sobre os outros homens, o pensamento lógico deixa de operar. *“Só um elemento ressurgido do passado, se impondo com uma força especial, exerce sobre as massas uma enorme influência. É preciso que aquilo que se exprime na arte tenha sofrido o destino de recalque antes de estar em condições de produzir, ao emergir, efeitos tão poderosos.* (Kofman, 1996, p. 20)

---

<sup>1</sup> ASSIS, M. Conto. Papéis Avulsos II. **O Espelho**. Rio de Janeiro, 1882, p. 79.



Evocando a arte como fenômeno comum a todas as culturas desde a mais primitiva, e que segundo Duarte, é compreensível na medida em que se percebe que ao evocar imagens mentais do que vivenciava o homem primitivo, de certa forma, estava representando e produzindo novas imagens.

Porém, a imagem não classifica os eventos a que vivenciamos, nem fragmenta o que sentimos como a linguagem o faz quando busca significá-lo e exprimi-lo. A linguagem ao captar nossos sentimentos apenas consegue nomear, mas essa nomeação não os descreve e então nos utilizamos das imagens. *Como a percepção só capta as formas, ela vem junto com o repertório de representações que temos, porque para se situar no mundo precisamos perceber as formas, os sinais, os signos. Estes signos decodificaram segundo um repertório de representações, identificamos, projetamos essas representações que vemos; e situamos o sentido daquilo dentro de uma distribuição cartográfica* (Rolnik, 2010).

Portanto o ato de criação é muito mais produto de sentimentos, de intuições, do que de operações puramente lógicas. E onde a imaginação e a fantasia também estão a serviço da esfera emocional, mesmo que sua expressão apareça como pensamento lógico. Essa criação opera numa política de cognição totalmente distinta da política de cognição própria do campo da representação, da razão, porque ela não se explica. Ela toma corpo na nossa própria existência e esse modo de existência se transforma na criação da obra artística.

Paralelamente ao processo da relação imagem-memória ocorre na infância à afirmação da identidade, podendo variar de acordo com as singularidades e contexto de vida. Contudo, o caminho de reconhecimento de identidade, ocorre desconstruindo a fala do outro, numa relação que tem como intermediário o fantasma desse outro que cada um elabora.

Desse modo forma-se uma imagem a partir do modo como tal sujeito foi afetado pelo outro, composta por idéias que os outros ofereceram e não como produto de reflexão sobre seus desejos, emoções e sentimentos. Essa imagem é em si uma abstração, uma paisagem de si, vestígio das relações gravadas na memória, principalmente, imagens negativas.



De uma maneira em geral, compreende-se que qualquer imagem é uma representação e enquanto sistema simbólico permite interpretações. A leitura de qualquer imagem não deve se limitar a descrição de imediato na imagem; mesmo porque os códigos podem impedir que o leitor acesse aos seus significados e obscurecer o acesso à sua opacidade.

Uma imagem partilha e torna presente qualquer coisa ausente, é um modo de re-apresentação do ausente, esta é a sua transparência e, nesse sentido, sua função é tornar presente uma ausência, não é um falso ser, uma simples imitação da aparência, é múltipla. A imagem é o representante, o substituto de qualquer coisa que ela não é e que não está presente. Sua interpretação é como decifrar um enigma, assimilação da sua transparência, o que se mostra, e da sua opacidade, o que não se vê.

De maneira que a imagem ultrapassa a representação reprodutível de uma coisa ausente, para partilhar o que de sensível e inteligível tem em comum em traços aparentes e visíveis. Os efeitos das imagens sobre os homens podem ser comparados com a linguagem, mas por percursos diferentes. Ao presentificar o ausente, visualizamos a própria imagem opacidade. A sensação de estar em contato com o real e não com a representação do mesmo, ocorre e é possível por um percurso do indizível.

Segundo Duarte (1983, p. 38), isso é compreensível na medida em que se percebe que ao evocar imagens mentais do que havia visto o homem primitivo, de certa forma, estava representando-as e produzindo linguagem. Porém, a linguagem, mais que um inventário, é um instrumento de ordenação do mundo e para isso quando ela classifica os eventos a que vivenciamos, acaba por fragmentar o que sentimos, buscando significá-lo e exprimi-lo.

Compreendendo o processo do conhecimento humano como um jogo entre o vivenciar e o simbolizar, entre o que é sentido e o que é pensado. O mundo nunca é percebido de forma “neutra”, mas sim emocional. Primeiro sentimos, depois elaboramos racionalmente os nossos sentimentos. A linguagem ao captar nossos sentimentos apenas consegue nomeá-los, mas essa nomeação não os descreve, não mostra seu desenvolvimento e então nos utilizamos das imagens, como, por exemplo, quando queremos descrever a dor que sentimos, é uma dor fina, como uma agulhada, e depois vai se espalhando como ondas. Os símbolos lingüísticos são incapazes de nos apresentar os sentimentos na sua íntegra, a arte então surge como uma tentativa de fazê-lo.



A arte como a criação de uma forma, seja ela qual for estática ou dinâmica, constituem maneiras de exprimir os sentimentos. Diferente dos signos lingüísticos em que o significado reside fora deles, sentido de uma obra de arte reside nela mesmo.

Segundo Popper (apud Duarte Junior, 2001) o ato de criação é muito mais produto de sentimentos, de intuições, do que de operações puramente lógicas. E onde a imaginação e a fantasia também estão a serviço da esfera emocional, mesmo que sua expressão apareça como pensamento lógico. A arte como concretização de sentimentos, não significa que a obra é apenas um retrato do mundo interior do artista. Mesmo usando a sua percepção através de seus próprios sentimentos e de sua visão de mundo ele apreendem, da realidade perceptiva a sua frente, possibilidades de experiência subjetiva que ele não conhece em sua vida pessoal.

Lowenfeld e Brittain (apud Duarte Junior, 1983, p.73) acreditam que o que é necessário ao desenvolvimento da consciência estética não é a apreciação de determinada obra nem ensino de valores ou de um vocabulário para descrever as obras, mas a consciência estética, segundo eles, será mais bem aprendida pela conscientização pela criança de seu próprio eu e de maior sensibilidade ao meio.

Finalmente, na relação entre cognição e afeto, em uma abordagem dialética e monista, mais próxima do sujeito buscado na contemporaneidade. Um sujeito antes fragmentado, transeunte da modernidade e que espreita agora uma nova concepção de paisagem, esse mesmo sujeito visto na sua unicidade e complexidade superando o tradicional dualismo entre a razão e a emoção em uma concepção integradora. (Loos; Sant'Ana, 2010, p. 01)

## O CAMINHO OBLÍQUO

Deslizar dos processos de arte às sensações de vida, este foi o desejo de artistas que acreditaram na possibilidade de reinscrever a arte segundo as novas condições culturais e de produção como no pioneirismo de Lygia Clark, ao entender "as políticas do corpo como potências afirmativas da vida, a desterritorialização do desejo e sensibilidade cultural" (Fabbrini, 1984, p. 09).



Os modos de sociabilidade fragilizados, e no qual a arte se afirmou como meio privilegiado de tornar um sujeito passivo em outro ativo, reinventando a sua realidade, justificaram as práticas artísticas oferecidas. A arte não se ocupa em responder, mas cria novas disposições e as transgredi, como uma sombra mutante que perpassa a espiral das relações de poder e saber.

Produzindo nela mesma, uma política que permite por meios que lhe são próprios, cessar as coordenadas sensoriais com que entendemos e vivenciamos o mundo, inserindo nelas sentidos que ali não cabiam.

Através da relação entre cognição e afeto, em uma abordagem dialética e monista. Um sujeito fragmentado e que espreita novas percepções, esse mesmo sujeito visto na sua unicidade e complexidade em uma perspectiva que supera o tradicional dualismo entre a razão e a emoção, buscando uma compreensão mais integrada de sua existência. (Loos; Santana, 2007, p.174)

Envolvendo uma investigação de elementos subjetivos dos participantes em uma relação afetiva as recordações pessoais, associados à elaboração de desenhos e objetos propostos, possibilitou o desenvolvimento de poéticas individualizadas.

A interação direta se apresenta por ações buscando liberar o sujeito da sua passividade visual e contemplativa. Nesse percurso de ações o *encontro* é considerado como uma etapa essencial do projeto. Da mesma forma através de uma relação ativa na apreensão ou na própria realização de determinadas ações artísticas, seja através de uma estimulação da percepção e cognição através da descoberta de elementos subjetivos embutidos na expressão artística utilizada ou nos objetos selecionados para a intervenção.

As relações são buscadas nas intervenções do conceito de *autorretrato ampliado*, na interpretação de todo um contexto onde se configura a subjetividade do sujeito com seu conjunto de emoções, cognições e sociabilidades, se intercambiam, considerando sua complexidade. (Loos; Sant'Ana, 2010, p. 179). Essas ações se desdobram para outros elementos além de materiais imagéticos, constituindo um espaço na subjetividade, o espaço de uma alteridade no próprio sujeito, a alteridade do mundo como um campo intensivo presente na subjetividade refletida nos objetos propositores.

Como na obra da artista Lygia Clark, em certos aspectos, esses objetos efetivamente produziram uma relação "intersubjetiva", intrinsecamente de encontro afetivo, e assim



como nas ações da artista-propositora no âmbito da experiência estética, o próprio ato foi depois do *encontro*, o momento fundamental. O ato envolvendo esses objetos afetivos e propositores se vincularam a etapa subsequente onde os objetos e imagens não foram considerados como obras artísticas, mas instrumentos de sensibilização procurando desencadear a capacidade criativa do sujeito. (Fabbrini, 1994, p. 91)

Investindo nessa experimentação de novas articulações objetais como vivências em busca por desconstruir o gesto, a elaboração temporal em ato. Os objetos usados sinalizaram possibilidades de propositores, recusando a obra de arte e o espaço representativo como mera contemplação. A cristalização estética na duração como meio de expressão foi substituída pelo momento do ato, o precário como campo de experiência na produção de novas subjetivações.

O ato envolvendo esses objetos afetivos e propositores se vinculam a uma descaracterização de outro ato, o de toda uma lógica disciplinada. Fabbrini observa: “O que a artista buscava era a constituição de um estado estético com a recuperação do corpo designado como sensório”. Assim como nas ações são utilizados objetos propositores chamados de “suportes físicos das proposições construtivas” (Fabbrini, 1994, p. 101) não considerados como obras artísticas, mas instrumentos de sensibilização procurando desencadear a capacidade criativa do sujeito.

Investindo na experimentação de novas articulações objetais como nova vivência política, penetrando assim em solos mais extensos em uma verdadeira arqueologia dos sentidos. Uma ação através do encontro, do ato reflexivo, que interpenetre espaços não contabilizados dessa malha euclidiana das subjetividades constituídas.

O potencial criativo desses sujeitos, segundo Duarte (1983), se revela latente e eles sempre arrumam espaços para suas próprias histórias, a curiosidade deles é relevante para o processo de criação. Não precisam criar uma obra de arte, no sentido clássico, mas com certeza criam através dos trabalhos, uma história, uma estética da existência. O enfoque dos trabalhos é o relacionamento e as idéias que surgem sobre as próprias idéias.

Deslocando, portanto, a arte da concepção tecnicista do mero *laissez faire* ou da arte pela arte apenas no aprimoramento da técnica, para um conjunto aberto e variável de possibilidades de construção e criação. Passando assim, do domínio apenas dos objetos para a dimensão da vida, como possibilidade de re(invenção) desse sujeito, para que ele mesmo produza sua vida e gerencie sua própria liberdade.

O processo das ações compreende uma abordagem plástica de um corpo em fragmentos. Utilizando imagens da arte em que figuram retratos e autorretratos, de diversas épocas e expressões, imagens selecionadas em cima de dados coletados por observação e informações sobre os históricos dos sujeitos. O fato deles mesmos se reconhecerem nas imagens escolhidas, nunca são confirmadas mas sempre devolvidas como perguntas, num processo de espelhamento.

Desde o primeiro encontro a busca é por desconstruir o gesto, a elaboração temporal em ato, como técnica de sujeição. Para isso a total liberdade no uso do lápis, pincel, tintas...

Procurando ir mais além na des-territorialização dos mapas constituídos, se recusa a arte como obra e a ênfase se dá no ato de realização. Uma visão muito pragmática do que devia ser um bom trabalho. Então a arte no solo. A própria vivência no meio da mata já traz sua “aura” artística. Plantas crescendo de vários e diferentes jeitos e a luz caindo no chão do solo. Quando se consegue ver desse jeito já se chegou longe em um pensamento sensível e poético. O se desfazer com o vento e o tempo era a intenção, o registro da imagem estética, a obra de arte era a fotografia.

Quando se habita num processo artístico não se fecha a nada. E os sujeitos ao recolherem seus materiais escolhidos, reconhecendo no mesmo solo por vezes considerado perdido, não contabilizado como próprio para suas andanças e peregrinações pelo território, outra possibilidade de reconhecimento. Ecoa a palavra tantas vezes repetida: *pertencimento, pertencimento...* A que? Aos seus próprios anseios.



Figura 3 – Objeto- propositor Folha

Como não compartilhar essa amizade da natureza. E como objetos propositores, as folhas, galhos,... criando caminhos, vestígios, pegadas, ultrapassando as linhas imaginárias do acaso. Esse rio, um não-lugar ou lugar-real de um sujeito biográfico. É lá que ele pensa e habita o mundo, longe das relações que procuram constituí-lo. É como um arqueólogo que revolvendo seus achados demarca um novo solo: um lugar de vivências sensoriais cambiantes repartidas pelo grupo.



Figura 4 - Objeto-propositor Paletó

Na continuidade das experiências de buscas nas relações de reconstituição de um passado, ora presente ou futuro, ora não-lugar. Os sujeitos organizam essa ação considerada diferenciada. No início questionada sobre o uso do material para graffiti em paletós. Um paletó como objeto afetivo propositor, ou seja, no sentido da relação de construção desse tempo-memória afetiva. As ações mescladas com a tinta spray, mais específica para o graffiti, com máscaras de proteção Continuando no lado de fora no espaço aberto, a ação derivou do chão para o próprio corpo. Como nas palavras desses sujeitos: “O graffiti é no corpo”. O paletó como objeto afetivo, propositor, servindo a inúmeras interpretações nas mais diversas áreas, quebra de paradigmas sociais. O paletó como objeto de interpretações: auto-imagem, autoconhecimento; figura paterna, mestre, autoridade; diferenças sociais; direitos; rompendo fronteiras sobre o pré-estabelecido.

Como suporte da expressão, a crise do suporte, traço específico da arte contemporânea. Ao mudar o suporte habitual de expressão, cria um movimento interior e meio inconscientemente, as relações estabelecidas. Assinalando na crise do mito da criação artística a desmaterialização dos suportes físicos tradicionais.



Figura 5 - Objeto-propositor Paletó

A ação “Desenhos enterrados” inspirada no trabalho da arte-educadora dinamarquesa Holm levou a uma nova forma de relacionamento com o papel e com escola. Estimulados por meio da escrita, da norma do texto, por meio do ato, pelo movimento corporal, visaram atualizar uma das configurações virtuais inscritas na materialidade de sua forma. E nessas folhas de papel carregadas de escritas, palavras, memórias afetivas que traduziam imagens desprazerosas, dores, palavras mal ditas, desprezos, medos, nenhuma sequência parecida com as de Borges. Apenas palavras caladas e doloridas, todas escritas nas folhas de papel, folhas que se tornaram vivas. E nesse ato, nessas novas proposições que se esgotavam em seu próprio exercício, o corpo constituído nesse corpo-objeto propondo uma desarticulação da caligrafia.

E assim instiga-separa que expressem suas mais intimas revelações, as folhas de papel em direção ao local destinado, deixando essas folhas em repouso por uns dias, ou seja esse desenhos-escritos enterrados no solo por uns dias até que as palavras e desenhos pudessem ter fixado as marcas desse mesmo solo. Um ato constituído de

inúmeras possibilidades descontextualizando situações cotidianas que perpassam desde questões de afetividade, emocionais familiares, escolares, pessoais em forma de expressão artística.



Figura 6 – Objeto-propositor Livro

Já nessa outra ação, de início a intenção se voltou pra a questão dos direitos desses sujeitos por esse motivo, os livros recebidos de doações de sebos, foram selecionados somente os livros de Direito já não mais utilizados. A preferência pela capa dura, melhor para desenvolver a prática. O livro-objeto na arte já não é novidade, mas o livro-objeto-propositor de direitos abre novas possibilidades. Nessas escolhas pouco tradicionais de objetos as percepções sofrem resistências na aceitação como foi nítido na questão dos livros. Com a resistência que perdura, vem a tona a dicotômica marcação: sou bom menino ou mau menino. Mas nesse país da arte não existe o bom ou o mau, é só expressão.

E concluindo as ações desses objetos, os sapatos pintura. Sapatos do brechó infantil, colocados e pintados em papelão Paraná. Anne Marie nomeou essa ação de “Vejo caibo na minha pintural”

### COM O LÚDICO, NÃO ME ILUDO!

A referência ao lúdico nesse contexto não abandona a noção de jogo como um fator distinto e fundamental presente em tudo o que acontece no mundo. Coloca o jogo numa disposição direta com os objetos propositores e o corpo, na medida de que sua intenção não é definir o seu lugar, mas sim determinar até que ponto a própria existência possui

um caráter lúdico. No jogo existe *alguma coisa em jogo* que transcende as necessidades imediatas da vida e confere um sentido a ação. O afeto dado pelo objeto, não o objeto propriamente mas o que ele veicula, não é mediação, é troca. Das inúmeras hipóteses a respeito do jogo: todas partem do pressuposto de que o jogo se acha ligado a alguma coisa que não seja o próprio jogo, talvez em seu caráter profundamente estético. A intensidade e seu poder de fascinação, não podem ser explicados por análises superficiais.



## NOTAS

---

<sup>ii</sup> Tal concepção de autorretrato não se limita a representação imagética objetiva, mas a expressão das relações de auto-conceito e de auto-imagem constitutivas da subjetividade desse sujeito.

<sup>iii</sup> Afetivo, no sentido de uma afetividade ampliada, onde o afeto se traduz num afetar-se por pessoas, por objetos, pela natureza, se manifestando de maneira positiva ou negativa.

<sup>iv</sup> Na concepção de um sujeito racional, auto-centrado, dócil, útil e produtivo, como um indivíduo preso a uma identidade que reconhece como sua, assim constituído por processos de subjetivação.

<sup>v</sup> Assustador, estranho, familiar.

<sup>vi</sup> Afetivo, no sentido de uma afetividade ampliada, onde o afeto se traduz num afetar-se por pessoas, por objetos, pela natureza, se manifestando de maneira positiva ou negativa.



---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Camargo, Denise. (2004).As emoções e a escola. Curitiba: Travessa dos Editores,

Duarte Junior, João Francisco (1983). Por que arte-educação? Campinas: Papirus.

Fabbrini, Ricardo Nascimento (1994) O Espaço de Lygia Clark. São Paulo: Atlas.

Freud, Sigmund.(1901) Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. Vol IV. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Holm, a. M. (2005) Fazer e pensar arte. São Paulo: Mam - museu de arte de SP.

Kofman, Sarah. (1995). A infância da arte - Uma interpretação da estética freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumara,

Loos, Helga; Sant'Ana, René Simonato. (2010) Cognição, afeto e desenvolvimento humano: a emoção de viver e a razão de existir. Revista Educar, n. 30, p. 165-182. Editora UFPR

Rolnik, S. Entrevista <http://www.corpocidade.dan.ufba.br/redobra/r8/trocas-8/entrevista-suely-rolnik/>

Vygotsky, Liev (2001) .Psicologia da Arte. São Paulo: Martins Fontes

### Currículo Resumido

Terezinha Pacheco dos Santos Lima é arte-educadora. Mestranda em Educação, linha de pesquisa em Cognição e desenvolvimento humano pela UFPR, especialista em Políticas Públicas para Infância e Juventude pela UEPG e graduada em Artes Plásticas pela UNB. Atualmente atua como profissional de Artes Visuais para a Saúde Mental no Caps - Centro de Atenção Psicossocial desenvolvendo pesquisa interdisciplinar entre arte, psicanálise e desenvolvimento humano, principalmente sobre as relações permeadas pela afetividade, cognição e social.